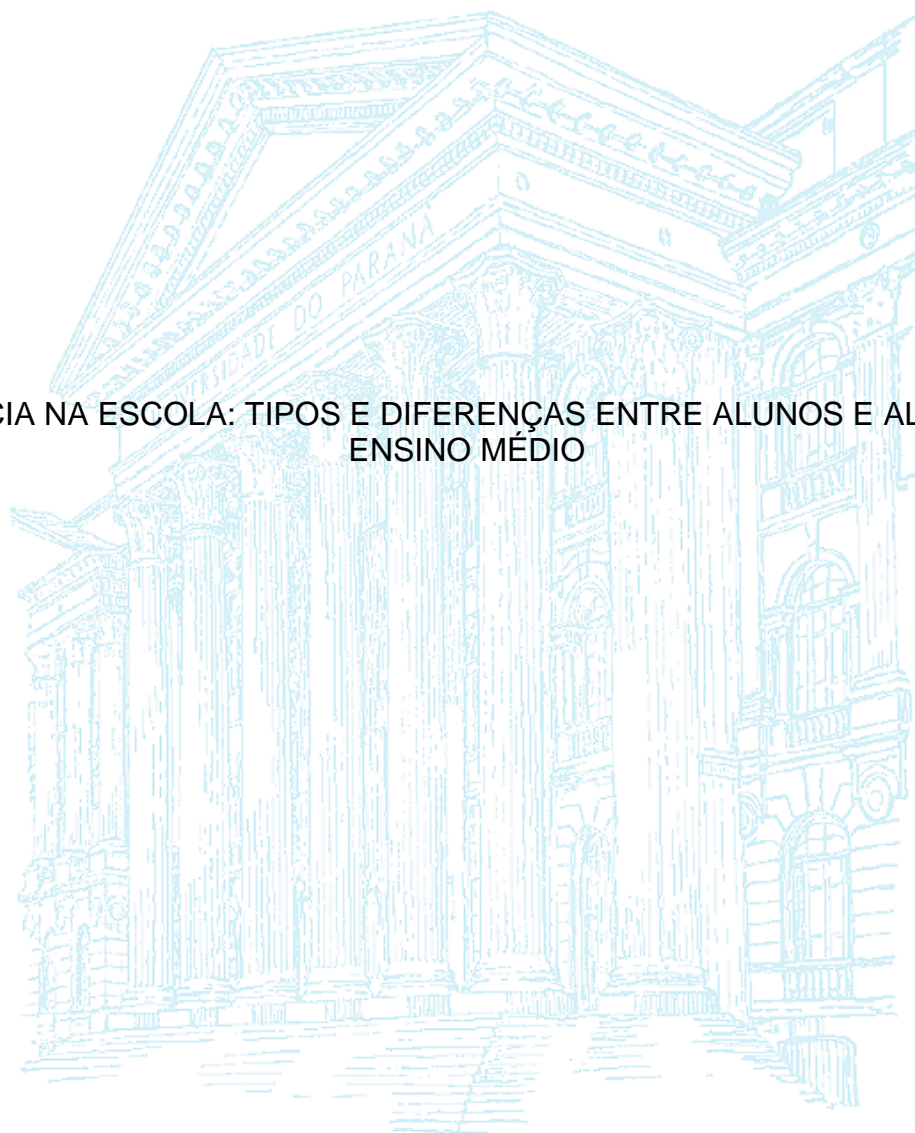


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISETE STIBBE NEIVERTH

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: TIPOS E DIFERENÇAS ENTRE ALUNOS E ALUNAS NO
ENSINO MÉDIO



ITAMBÉ
2016

ISETE STIBBE NEIVERTH

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: TIPOS E DIFERENÇAS ENTRE ALUNOS E ALUNAS NO
ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof.^a Gisele Antoniaconi

ITAMBÉ
2016

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: TIPOS E DIFERENÇAS ENTRE ALUNOS E ALUNAS DO ENSINO MÉDIO

Isete Stibbe Neiverth; Gisele Antoniaconi

Licenciatura Plena em Ciências Sociais; isete.sn@hotmail.com

Sanitarista pela UFPR, mestranda em Saúde Coletiva pelo Programa de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina. antoniaconi@gmail.com

Resumo

A problemática da violência afeta a qualidade do ambiente escolar preocupando pais, professores, autoridades e demais membros da sociedade. O presente estudo tem como objetivo identificar os tipos de violência sofridos pelos alunos e alunas em escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil, a partir de dados levantados em revisão de literatura. Também pretende elencar diferenças entre as agressões sofridas por estudantes do sexo masculino e feminino. A pesquisa constatou os seguintes tipos de violência sofridos por alunos e alunas: verbal, física, psicológica, sexual, *bullying*, porte de drogas, arma branca ou arma de fogo, violência de gênero, desrespeito, roubos/furtos, humilhações, zombarias, ameaças, racismo e discriminação. A mesma, também revelou diferenças entre as agressões sofridas por alunos do sexo masculino e feminino. Além disso, constatou que existem poucos estudos que buscam identificar os vários tipos de violência entre os jovens no Ensino Médio, com abrangência nacional, reforçando a importância da produção de conhecimento sobre essa fase da educação.

Palavras-chave: alunos; Brasil; ensino médio; escola; violência

Abstract:

The problem of violence affects the quality of the school environment by worrying parents, teachers, officials and other members of society. This study aims to identify the types of violence suffered by pupils and students in public and private schools of secondary education in Brazil, from data collected in the literature review. It also intends to list differences between the aggressions suffered by students male and female. The survey found the following types of violence experienced by male and female students: verbal, physical, psychological, sexual, bullying, drug possession, weapon or firearm, gender violence, disrespect, theft, humiliation, intimidation, racism and discrimination. In addition, it revealed differences between the aggressions suffered by male and female students. It also found that there are few studies that wants to identify the various types of violence among young people in high school, with national coverage, reinforcing the importance of knowledge production about this phase of education.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem havido um interesse público nas questões relativas a violência na escola, sendo o tema objeto de estudo em vários países. No Brasil, frequentemente, estão sendo noticiados casos de agressões no ambiente escolar. Nesse contexto faz-se necessário a realização de pesquisas sobre o assunto, fornecendo informações para propor intervenções que reduzam os riscos da ocorrência de violência entre alunos e alunas nas escolas.

Infelizmente cenas de alunos brigando entre si ou agredindo professores, estão sendo cada vez mais comuns nas redes sociais e em noticiários da TV. Até o momento não tivemos acesso a uma pesquisa que comprovasse o aumento da violência nas escolas no Brasil. Contudo, estão ganhando destaque na internet, em sites como o YouTube e o Facebook, onde são divulgados vídeos, fotos e relatos, muitas vezes disseminados, pelos próprios estudantes envolvidos nas agressões, como forma de conquistar *status* junto aos colegas.

Um dos crimes mais marcantes aconteceu no dia 7 de abril de 2011, quando doze adolescentes com idades entre 12 e 14 anos foram mortos a tiros na escola municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro do Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. O atirador, Wellington Menezes de Oliveira, era um ex-aluno que teria sido vítima de *bullying*.¹

Para evitar tragédias como essa e outros tipos de sequelas que podem acompanhar os adolescentes na vida adulta é de suma importância a realização desta pesquisa. O objetivo não é punir os agressores, mas evitar a existência de vítimas e reduzir os riscos da ocorrência de violência entre alunos e alunas nas escolas, bem como promover a cultura da paz, do diálogo e do bem estar coletivo.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Identificar os tipos de violência sofridos pelos alunos e alunas em escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil, a partir dos dados levantados em revisão bibliográfica.

¹ATIRADOR de Realengo sofria bullying no colégio, diz ex-colega. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-afirmam-colegas>> Acesso em: 18 de ago. 2015.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os tipos de violência sofridos pelos alunos e alunas em escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil;
- Elencar as diferenças entre a violência contra estudantes do sexo masculino e feminino em escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil.

METODOLOGIA

Para identificar os tipos de violência que ocorrem entre os estudantes e elencar as diferenças entre as agressões contra alunos do sexo masculino e feminino, foi realizada uma pesquisa de revisão de literatura não sistemática. Segundo BALDAÇARA (2014), a revisão bibliográfica não sistemática consiste em fazer uma pesquisa nas fontes mais próximas que se tem disponível e uma vez achada a resposta encerra-se a pesquisa.

O processo de identificação e seleção de estudos sobre o tema proposto foi realizado utilizando como base de dados o site da SciELO (Scientific Eletronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Google Acadêmico no período de setembro de 2015 a janeiro de 2016, sem restrição de período de publicação. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados: ser publicado em formato de artigo científico em periódico, tese, dissertação ou livro, ter sido realizado com população brasileira e apresentar dados sobre os tipos de violência no ambiente escolar entre alunos e alunas de escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil. Definiram-se como critérios de exclusão: editoriais ou cartas ao editor, artigos de opinião, anais de congresso, estudos sobre violência ocorrida exclusivamente fora do ambiente escolar e estudos não realizados no Brasil.

Para localização das publicações foram utilizados os termos de busca: alunos, violência, escola, Ensino Médio e Brasil, associados ao símbolo de truncagem * (asterisco), para pesquisar palavras de mesma raiz. Dessa pesquisa resultaram oito bibliografias selecionadas para análise e discussão, sendo os dois estudos mais completos de Francine NESELLO et al. (2014) e Miriam ABRAMOVAY (2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência entre crianças e adolescentes é um tema que preocupa pais, professores e a sociedade como um todo. Para poder propor soluções e adotar medidas preventivas é necessário compreender o tema adquirindo conhecimento sobre o mesmo. Buscando informações foi feita a presente revisão de literatura cujos resultados serão apresentados em duas seções. Na primeira, serão apresentados os tipos de violência e, na segunda, elencadas as diferenças entre a violência contra estudantes do sexo masculino e feminino em escolas públicas e privadas do Ensino Médio no Brasil.

TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDOS POR ALUNOS E ALUNAS

Iniciamos com a pesquisa mais recente no quesito de abrangência do território brasileiro sobre o tema em questão. Francine NESELLO et al. (2014) no artigo "Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos" procurou dimensionar e identificar fatores associados à violência escolar no Brasil descritos na literatura científica. Para atingir o objetivo proposto foram pesquisados artigos com dados quantitativos sobre violência escolar no Brasil. Esta busca resultou em vinte e quatro estudos selecionados para análise e discussão.

O estudo de Francine NESELLO et al. (2014) analisou a violência em escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A natureza da violência foi categorizada em física, sexual e psicológica, conforme classificação proposta pela Organização Mundial da Saúde. Também foram acrescentadas as categorias "contra o patrimônio/material" (roubar, quebrar ou danificar materiais de instituições ou de pessoas) e "geral" (engloba casos em que a natureza não foi especificada ou quando houve agrupamento de violências de diferentes naturezas).

Conforme Francine NESELLO et al. (2014) entre os estudos realizados com alunos, cuja natureza da violência foi especificada, o *bullying* foi o mais pesquisado, seguido da violência psicológica e da física. Apenas um artigo abordou a questão da violência sexual, em que 24,0% dos alunos afirmaram ser perpetradores de assédio sexual.

A existência de poucos autores que estudam a violência sexual foi corroborada por esta pesquisa, pois esse tipo de violência somente foi mencionado por Francine NESELLO et al. (2014) do total de oito estudos selecionados para análise.

Miriam ABRAMOVAY (2006) no livro “Cotidiano das escolas: entre violências” aborda os seguintes tipos de violência: agressões verbais, ameaças, agressão física, discriminação racial, armas na escola, furtos/roubos e a violência trans-muros como invasões, gangues e tráfico.

Cada uma das violências citadas possui um capítulo do livro que apresenta e analisa os dados coletados nas pesquisas com relação ao mesmo. Com base nessas informações foram identificadas com mais profundidade a maneira como a violência se manifesta entre os alunos nas escolas, a seguir será relatado um exemplo.

- Tipos de agressão física de alunos contra alunos, segundo depoimentos dos mesmos em 2003/2004:

Bater na cabeça, puxar cabelo, dar coque, machucar gravemente, ferir, chutar, dar paulada, furar aluno com faca, dar socos e pontapés, quebrar o nariz, espancar, jogar tijolo na cabeça do outro, dar porrada, dar tapa na cara, dar murro nas costas, empurrar, dar pescoção, dar pontapé, jogar pedra no colega, cuspir na cara do colega. (Miriam ABRAMOVAY, 2006, p. 178-179)

Como podemos perceber Miriam ABRAMOVAY (2006), dentre os estudos selecionados, procurou fazer um relato mais completo abordando vários tipos de violência, ouvindo alunos, professores e demais membros do corpo técnico-pedagógico. É mais abrangente, pois o levantamento de dados foi realizado em 2003 em cinco capitais brasileiras (Belém, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre) e no Distrito Federal. Estas localidades foram selecionadas de modo a se compor uma amostra que permitisse a representação de todas as regiões brasileiras.

O estudo de Francine NESELLO et al. (2014) também foi abrangente, a diferença é que estava mais focada na literatura existente sobre violência escolar a nível de Brasil. Já, o estudo de Deborah Carvalho MALTA et al (2010) cobriu mais extensão territorial, pois englobou todas as capitais brasileiras, mais o Distrito Federal, pesquisando a violência em escolas públicas e privadas.

Conforme Deborah Carvalho MALTA et al.(2010, p. 3053) foram identificadas as seguintes situações de violência: insegurança no trajeto casa-escola, e na escola, envolvimento em brigas com agressão física, com arma branca ou arma de fogo, agressão física por familiar, sendo as situações de violência mais prevalentes entre estudantes do sexo masculino. O estudo de Deborah Carvalho MALTA et al (2010) possui semelhança com o estudo de Miriam ABRAMOVAY (2006), porém realizou levantamento de dados somente com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sendo que o foco do presente estudo são os alunos do Ensino Médio.

Claudivan Sanches LOPES (2008) estudou alunos de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio no município de Maringá, estado do Paraná, constatando vários tipos de violência.

[...] Em suma, **os tipos de violência** de maior incidência nas escolas de Maringá são as agressões verbais, o desrespeito, as agressões físicas, a depredação e o vandalismo. Em níveis intermediários, são identificados roubos e furtos, humilhações e zombarias, ameaças, racismo e discriminação. Embora pouco citados, foram também identificados o porte de armas e o uso e porte de drogas. Casos de abuso sexual não foram citados. (Claudivan Sanches Lopes, 2008, p. 39-40)

Verificou-se que no estado do Paraná existem poucos estudos relacionados a violência escolar entre alunos e alunas do Ensino Médio, sendo Claudivan Sanches LOPES (2008) a única pesquisa localizada. Outro detalhe é o fato da pesquisa não estar centrada no Ensino Médio, mas abranger o Ensino Fundamental e Médio.

A única pesquisa que abordou somente o Ensino Médio, dentre os oito estudos selecionados, possui como título “Violência no contexto escolar sob a óptica de alunos do ensino médio”. A tese de doutorado de Michelly Rodrigues ESTEVES (2015) foi realizada em uma escola pública da rede de Ensino Médio de Alfenas, que se localiza no Sul do Estado de Minas Gerais, tendo como objetivo compreender o fenômeno da violência no contexto escolar a partir da óptica de alunos do ensino médio. Verificou-se que tudo começa com a intolerância, a incompreensão e a falta de aceitação das diferenças que se transformam em violência verbal, física, psicológica e que envolvem, além dos alunos, a direção, os professores e os demais funcionários da escola. Também se constatou que a violência que se expressa na rua muitas vezes é remontada na escola como o caso do consumo de drogas.

Conforme Michelly Rodrigues ESTEVES (2015) as crianças e os adolescentes vivenciam frequentemente no cotidiano escolar situações de violência ou como vítimas, ou autores de violências ou como testemunhas. As justificativas para as agressões são várias abrangendo os defeitos físicos, o mal ou o bom desempenho acadêmico, as características sociais, raciais e de gênero.

Michelly Rodrigues ESTEVES (2015) enfatiza que a educação para a paz não é fácil no mundo em que vivemos porque a paz não é a ausência de conflitos. Falar de paz propõe a introdução do tema mediação de conflito no currículo escolar tendo como finalidade deixar claro o que se espera das crianças e dos jovens no conjunto de

comportamentos sociais. Isso significa mostrar ao jovem e à criança que suas diferenças podem transformar-se em antagonismos e que, se estes não forem entendidos, evoluem para o conflito que acaba na violência.

Segundo Francine NESELLO et al. (2014) a existência de violência na escola foi relatada por 83,4% dos alunos e por 87,3% dos professores. O preconceito foi referido por 76,0% dos alunos e 93,3% dos professores afirmaram já ter presenciado algum episódio de discriminação na escola. Ser testemunha de *bullying* oscilou entre 82,0% e 83,9%. Como podemos perceber a porcentagem de alunos e professores que afirmaram a existência da violência nas instituições de ensino é alta. Esses dados reforçam a importância de mais estudos relacionados ao tema. Precisa-se de mais informações para poder propor soluções e melhorar o ambiente escolar tornando-o mais amigável e propício ao aprendizado.

A afirmação sobre o aumento da violência é reforçada por Claudivan Sanches LOPES (2008, p. 40).

Nesse sentido, é importante destacar as elevadas taxas de agressões físicas detectadas (57% na rede municipal; 50% na rede estadual; e 34% na rede privada). Podemos inferir que as agressões físicas, ao longo do tempo, como têm apontado outros autores, vêm sendo incorporadas ao cotidiano das escolas (Codo, 2000) e revelam, de maneira geral, que os conflitos do dia-a-dia têm-se tornado mais agudos e desencadeado atos de violência que atingem a integridade física de membros da comunidade escolar.

Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO (2003) realizaram uma pesquisa com alunos da sétima e oitava séries do Ensino Fundamental e do primeiro e segundo anos do Ensino Médio, de escolas públicas e privadas de três municípios brasileiros - Iguatu (CE); Juiz de Fora (MG) e Campinas (SP), tendo como objetivo analisar os significados que a violência assume em diferentes contextos sociais e as formas como se manifesta no cotidiano escolar. O estudo possui o diferencial de focar principalmente a violência com armas de fogo e armas brancas, abordando também outras agressões como a física, verbal e psicológica.

A presença de armas de fogo e armas brancas nas escolas, identificada na nossa pesquisa, tornou-se um fato preocupante, dada a baixa idade dos alunos e a contribuição desses meios para o cenário da violência social. Várias pesquisas no Brasil vêm mostrando que as mortes por violência, provocadas por armas de fogo, têm incidido de forma muito grave entre adolescentes e adultos jovens, atingindo sobremaneira o sexo masculino. [...] (Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO, 2003, p. 123)

Como podemos perceber Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO (2003), chama a atenção para o fato de que a presença de armas de fogo e armas brancas nas escolas é preocupante atingindo principalmente adultos e jovens do sexo masculino. Ela aborda questões de gênero relacionadas à violência escolar. As diferenças das agressões entre alunos do sexo masculino e feminino serão discutidas com mais profundidade na próxima seção.

DIFERENÇAS ENTRE A VIOLÊNCIA CONTRA ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO E FEMININO

Nesta seção serão elencadas as diferenças entre a violência contra estudantes do sexo masculino e feminino em escolas do Ensino Médio no Brasil, identificadas durante a leitura dos estudos selecionados para análise.

Conforme Francine NESELLO et al. (2014) dos 24 artigos analisados, 15 apresentaram resultados de associação entre violência escolar e algumas características como ser do sexo masculino ou feminino, auto-estima baixa, maus-tratos na família, hiperatividade, problemas de relacionamento com colegas, insatisfação com a imagem corporal, entre outros. “O *bullying* representou a violência mais abordada nos estudos de associação realizados com alunos e ser do sexo masculino foi a característica mais frequentemente associada à condição de autor ou de vítima/autor de *bullying*.”

Segundo Deborah Carvalho MALTA et al. (2010, p. 3056) a frequência de alunos que deixaram de ir à escola porque não se sentiam seguros neste local, o envolvimento em alguma briga com agressão física nos últimos trinta dias, o envolvimento em brigas com arma branca e arma de fogo mostraram prevalência maior entre os alunos do sexo masculino do que entre os do sexo feminino. Já, com relação à violência intrafamiliar, não houve diferença estatisticamente significativa entre as prevalências observadas entre meninas e meninos.

Miriam ABRAMOVAY (2006, p. 122) também revela uma prevalência de ações agressivas dos meninos com relação às meninas ao constatar que cerca de 64% dos estudantes, destacando-se os de sexo masculino, informaram que foram vítimas de xingamento, sendo respectivamente, 75% meninos e 55% meninas. Além disso, considerando a influência da idade e do sexo nas diversas formas de agressão física

que ocorrem no ambiente escolar, a autora sublinha o aumento da representação das mulheres na prática de atos violentos.

Segundo Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO (2003, p. 124) no que diz respeito à violência praticada pelos alunos, “embora os atos mais violentos nos colégios sejam peculiarmente cometidos por meninos, suas expressões existem também entre meninas, e se manifestam, sobretudo, nas disputas por namorados”.

Assim como Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO (2003), Miriam ABRAMOVAY (2006, p. 154) também verificou que uma das fortes motivações imediatas para as ameaças entre as meninas correlaciona-se com questões amorosas, mais especificamente, com as disputas por namorados.

Contudo, Miriam ABRAMOVAY (2006) e Paulo Rogério da Conceição NEVES (2008) levantam questionamentos e reflexões sobre o principal motivo da violência entre as alunas estar relacionada com questões amorosas.

Paulo Rogério da Conceição NEVES (2008) ao utilizar as relações de gênero como categoria de análise trouxe outro olhar sobre o aumento da violência praticada pelas meninas. O autor constatou que as jovens percebem o uso da violência como forma de restauração da ordem, do respeito, da tranquilidade, da individualidade e como forma de rompimento da invisibilidade de gênero da qual são vítimas. Permitindo, dessa forma, isolar a opinião comum de que, por conta de sua “natureza” feminina, as brigas sempre envolviam algum personagem masculino. Porém, ao agirem dessa forma estão reproduzindo o comportamento masculino de resolução de conflitos através do uso da força e não do diálogo.

Kathie NJAINE e Maria Cecília de Souza MINAYO (2003, p. 125) também relatam observações sobre essa aculturação que vêm sofrendo as jovens, a reboque do aumento da violência masculina. Miriam ABRAMOVAY (2006, p. 151) vai mais longe e instiga para visualizar o comportamento das meninas além de uma tentativa de masculinização, alertando que é preciso olhar a participação das alunas em situações de violências a partir da ótica da dominação e da opressão. A autora lembra que a “lei do mais forte” faz parte da socialização dos jovens, sendo um mecanismo social que compreende a existência de indivíduos que assumem um papel de submissão e outros que, através da força física ou intimidação impõem as suas “leis”, independentemente do gênero. Dessa maneira, tanto as meninas como os meninos teriam passe livre, tanto como vítimas, testemunhas ou agressores, nas violências ocorridas nas instituições escolares.

Paulo Rogério da Conceição NEVES (2008) chama atenção para o fato da escola como mediadora entre o espaço doméstico e público não estar conseguindo desenvolver nos alunos, independentemente de serem do sexo masculino ou feminino, a capacidade de se relacionar utilizando o diálogo e não o uso da força.

Assim, se por um lado há afirmação de outra feminilidade que não a da mulher sempre vitimada e/ou submissa, o recurso à violência dentro dos muros escolares coloca em risco a razão de ser da escola: ser mediadora entre o espaço doméstico (o da não-política) e o espaço público (exclusivamente da política): criar indivíduos capazes de se relacionar no espaço público por meio da persuasão, e não da violência. (Paulo Rogério da Conceição NEVES, 2008, p. 143)

Para que a escola possa desenvolver em seus alunos a capacidade de se relacionar utilizando o diálogo e não a violência é necessário preparar os professores, direção, equipe pedagógica e demais funcionários desenvolvendo a habilidade de mediação de conflitos.

O conflito faz parte da vida em sociedade, ele expressa diferenças nas formas de pensar, sentir e agir entre os seus membros. O conflito quando ocorre num ambiente onde existe o diálogo e a negociação, produz mais democracia e cidadania, pois leva ao consenso e permite a cada um aprofundar suas posições. Porém, o conflito se transforma em violência quando uma das partes se sente dona da verdade e impõe sua vontade utilizando a força, agressões físicas, verbais, psicológicas e em casos extremos armas (MINAYO, 2009, apud Simone Gonçalves de ASSIS, Patrícia CONSTANTINO e Joviana Quintes AVANCI, 2010, p. 58). Para produzir um ambiente escolar que proporcione o diálogo e a negociação, que são fundamentais para a existência de uma cultura da paz é necessário oferecer os recursos adequados para o desenvolvimento dessas habilidades nos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos verificar, existem poucos estudos abrangentes, que buscam identificar os vários tipos de violência escolar entre alunos no Ensino Médio no Brasil. Na presente revisão de literatura de um total de oito estudos selecionados somente três realizaram pesquisa que englobou o tema a nível nacional, dos quais dois trataram do problema tendo como base o Ensino Fundamental juntamente com o Ensino Médio e um que analisou somente o Ensino Fundamental.

A existência de poucos estudos que tratam sobre violência entre alunos, foi observada também a nível de Paraná, encontrando somente um artigo sobre o tema no estado, o qual também tratava sobre o assunto tendo como base o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Chamou a atenção o fato de um total de oito estudos selecionados somente um tratar especificamente sobre violência no Ensino Médio, mostrando a importância para o incentivo e produção de mais estudos para essa fase do ensino brasileiro. A produção de conhecimento é fundamental, pois somente com esses dados podemos realizar comparativos e verificar o agravamento ou diminuição da violência escolar, assim como, planejar e adotar medidas para reduzir o problema e promover um ambiente favorável para a cultura da paz e do diálogo na resolução de conflitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>> Acesso em: 10 de jan. 2016.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. UNESCO – Brasília, Brasília, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>> Acesso em: 25 de ago. 2015.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. (Orgs.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em : <<http://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>> Acesso em: 10 de jan. 2016.

ATIRADOR de Realengo sofria bullying no colégio, diz ex-colega. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/atirador-de-realengo-sofria-bullying-no-colegio-afirmam-colegas>> Acesso em: 18 de ago. 2015.

BALDAÇARA, Leonardo. Passos de uma revisão bibliográfica. [Filme-vídeo]. 2014, 9:47 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMnGBfJdh5Q>. Acesso em: 20 de dez. 2015.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 18 de ago. 2015.

COSTA, Helen Regina. **Violência Escolar**: Políticas Públicas e Programas no Município de São José dos Pinhais. 2011. 76 f. Monografia (especialista em Políticas Educacionais) Núcleo de Políticas, Gestão e Financiamento da Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/35175/COSTA%2c%20HELEN%20REGINA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 de jul. 2015.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. 268p. Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/violencias_escolas_politicas_publicas.pdf> Acesso em: 18 de ago. 2015.

ESTEVES, Michelly Rodrigues. *Violência no contexto escolar sob a óptica de alunos do ensino médio*. 2015. 102 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-23112015-191235/en.php>> Acesso em: 15 de jan. 2016.

LOPES, Claudivan Sanches. A violência nas escolas de Maringá, Estado do Paraná. *Acta Scientiarum: Humanand Social Sciences*, Maringá, v. 30, n. 1, p. 35-44, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2482/3306>> Acesso em: 10 de jan. 2016.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (Supl. 2), p. 3053-3063, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a10v15s2.pdf>> Acesso em: 10 de jan. 2016.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0336127.pdf>> Acesso em: 19 de ago. 2015.

NESELLO, Francine et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 14, n. 2, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292014000200119&lang=pt> Acesso em: 10 de jan. 2016.

NEVES, Paulo Rogério da Conceição. *As meninas de agora estão piores do que os meninos*: gênero, conflito e violência na escolas. 2008. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05112009-155238/en.php>> Acesso em 10 de jan. 2016.

NJAINE, Kathie. MINAYO Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v. 7, n. 13, p.119-134, ago.

2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v7n13/v7n13a08.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2016.

PEREIRA, B.; PINTO, A. Dinamizar a escola para prevenir a violência entre pares. *Sonhar*, VI, n.1, maio/ago. 1999. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8807/1/Pereira%2c%20B.%20e%20Pinto%2c%20A.%20_1999_.%20Dinamizar%20a%20Escola%20Para%20Prevenir%20A%20Viol%C3%Aancia%20Entre%20Pares.%20Sonhar%2c%20VI%2c%201%20_Maio-Agosto%2019-33.pdf> Acesso em: 20 de ago. 2015.

RIBEIRO. Gisele Pinto. Violência nas Escolas. 2003. 36 f. Especialização em Psicopedagogia - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. 2003. Disponível em:<<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/GISELE%20PINTO%20RIBEIRO.pdf>> Acesso em: 15 de ago. 2015.

SIGNORELLI, Marcos Claudio. Violência de Gênero: um desafio para a educação. In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio. (Org.). **Diversidade e Educação**: Intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.